

## **Sobre as éticas da responsabilidade de H. Arendt e de H. Jonas – 1ª nota: parte II**

---

ESTUDANTE(S): Ítalo Poliesti Rodrigues DATA: 07/03/2021 (período 2020.2)  
Samuel da Costa Paes

### **ORIENTAÇÕES:**

- Esta atividade é individual. No entanto, está facultado, àqueles estudantes que, comprovadamente, não faltaram a nenhum dos dois encontros de 23/02 e 02/03/2021, realizá-la em dupla (Esclarecendo: quem faltou a um dos dois ou aos dois encontros indicados, deve fazer a avaliação individualmente). Caso feita em dupla, apenas um dos estudantes deve enviar a atividade com o nome dos dois componentes.
- Trabalhe apenas com os textos indicados em nossa classroom.
- Lembre-se: toda citação ou trecho que não seja de sua autoria deve estar acompanhada/o da referência correspondente, sendo citação direta ou indireta (SOBRENOME, ANO, PÁGINA; ou site).
- Favor considerar o prazo estipulado.

### **Bloco I – SOBRE APROXIMAÇÕES / DIFERENCIAÇÕES ENTRE OS DOIS AUTORES:**

Identifique possíveis aproximações e/ou diferenciações entre as perspectivas éticas de Hannah Arendt e Hans Jonas, considerando os/as seguintes conceitos/noções/questões/tópicos:

1. A questão do mal
2. A distinção kantiana entre conhecimento e moralidade
3. O conceito de dever e o uso de imperativos
4. O conceito de responsabilidade

NOTA: lembre-se de se apoiar em citações (diretas ou indiretas) dos textos indicados na Classroom.

### **Bloco II – ESCLARECIMENTO DE ALGUMAS NOÇÕES BÁSICAS**

Esclareça as seguintes noções básicas:

A – “t” em Hans Jonas

B – “BANALIDADE DO MAL” em Hannah Arendt

## **RESPOSTAS**

### **Bloco I**

1. Sobre a questão do mal, em Hans Jonas está presente um cunho ontológico, que em Hannah Arendt existe, conferindo assim uma conotação política. “Para Jonas pode-se utilizar o medo do mal possível (idem, 2006, p. 71, apud SCHIO, 2010, p.163), pois “o mal nos impõe a sua simples presença”, havendo uma “heurística do medo”, pois “o que deve ser temido ainda não foi experimentado” (idem, 2006, p. 72, apud SCHIO, 2010, p.163). Já a imaginação tem um papel importante em relação aos dois autores, “em Jonas, a “reflexão sobre o possível, plenamente desenvolvida na imaginação, oferece o acesso à nova verdade” (idem, 2006, p. 74) que é ideal. Ou seja, ao tratar do futuro, que é ideal, a imaginação o antecipa” (SCHIO, 2010, p.163). “Em Arendt, a imaginação presentifica o que está ausente, pois a “coisa” ausente pertence ao mundo externo ou interno, e ao passado, mesmo que próximo, e a imaginação a torna presente ao mundo interno, em representação, permitindo que ocorra o pensar e o julgar” (SCHIO, 2010, p.163).

2. Com o intuito de responder a um grande questionamento “Que é o homem?”, Kant cria uma subdivisão em outras três questões, para por meio da interrogação antropológica, elucidar esta questão. Desta forma, por meio do questionamento “Que posso saber?” - Metafísica onde o conhecimento é limitado aquilo que se enquadra em espaço e tempo ou seja conhecimento sensível. ele publica uma obra (Crítica da razão pura), que aborda o fato de que a razão não poder conhecer tudo. Enquanto por meio do segundo questionamento “Que devo fazer?”, ele aborda os aspectos da ética e da moral, e por meio de uma obra (Crítica da razão prática) que traz o questionamento da possibilidade de uma moralidade universal. “Jonas ao analisar a moral kantiana e citando o prefácio da metafísica dos Costumes afirma que em matéria de moral a razão humana pode facilmente atingir um alto grau de exatidão e perfeição mesmo entre as mentes mais simples, e que não é necessária uma ciência ou filosofia para se saber o que deve ser feito, para ser honesto e bom, e mesmo sábio e virtuoso. Dessa forma, para saber o que fazer e para que uma determinada vontade seja moral não há necessidade de nenhuma perspicácia de longo alcance e que, mesmo acometido por inexperiência na compreensão do percurso do mundo, ainda assim é possível agir em conformidade com a lei moral”(Fonseca, 2009, p.153 - 154).
3. Em Hannah Arendt não há imperativos, já Hans Jonas propôs os imperativos do cuidado e da preocupação, “e elegeu como imperativo fundamental o dever de tomar para si responsabilidade pelo que ainda está por vir expresso na fórmula: “Age de tal forma que as consequências de tua ação não interrompam a possibilidade de a vida continuar se manifestando em todas as suas expressões como hoje nós a percebemos”” (FONSECA, 2009, p.165). “A ética da responsabilidade, em Arendt, não se baseia em normas, sejam de ação, sejam de restrição. Essa ética, então, não é normativa, pois não expõe as regras a serem seguidas, ou os imperativos a serem observados dedutivamente” (SCHIO, 2010, p.166). E apesar de que Arendt cita bastante Kant, a “moral” de Kant está muito mais presente em Jonas, principalmente quando ele reelabora o imperativo categórico para falar sobre o dever em relação ao futuro.
4. Segundo Hans Jona o homem, define-se pela responsabilidade que ele assume, em prol das gerações futuras. Em virtude dos avanços tecnológicos, e da relativização da moral, é necessário que o homem, passe a ser responsável, por seus atos, e pelo meio em que vive, segundo Hans, esta responsabilidade, se torna uma obrigação, que possui como paradigma uma relação parental, onde o cuidado é uma dívida total sem exigência de reciprocidade. Enquanto a ética da perspectiva de Hanna visa à política, de forma semelhante, atribuindo aos líderes políticos, a responsabilidade de pensar sobre as questões do presente e organizar pensando no futuro. “Além disso, eles pensaram uma ética que cobria vários propósitos: não permitir que fatos como os vivenciados no Nazismo e nos demais Regimes Totalitários, que ambos vivenciaram, voltassem a ocorrer. Outro, de que cada ser humano pudesse se tornar um cidadão preocupado com o que pensa e faz, responsabilizando-se, e que se inquietasse com o futuro que está sendo elaborado. Por fim, a apreensão com as obras humanas, especificamente com a tecnologia e suas possíveis consequências negativas para a Humanidade, especialmente a futura.”(Schio, 2010, p.157-158)

## **Bloco II**

1. Hans defende como imperativo a Heurística do temor, pois acredita que é responsabilidade das pessoas cuidar do planeta e das gerações futuras, e só pelo medo do que pode vir nós passamos a observar o futuro e assim agir com mais responsabilidade, alterando ações do presente para evitar efeitos negativos no futuro. Este imperativo se dirige às políticas públicas, e tem a previsão de um grande período de aplicação, não para situações de hoje ou amanhã mas para as gerações futuras.
2. Arendt fala que males que foram ou são cometidos por pessoas sem motivos, sem convicção, sem razões malignas ou intenções demoníacas, mas por pessoas que se recusam a ser pessoas, esse fenômeno foi denominado por ela como banalidade do mal. Segundo Arendt, se uma pessoa não pratica o pensar que é a característica que mais define o humano como tal, essa pessoa está se recusando a ser uma pessoa.